

Empresário teme

que festa acabe virando pesadelo

São Paulo — Se o setor agrícola não estragasse a festa — soma da sequeia das secas de 1985 e do jejum no abate de bois este ano — a economia brasileira poderia crescer este ano 14%, taxa inédita na sua história. “Será que é verdade mesmo?”, espanta-se Olavo Setubal, presidente do Banco Itaú, o segundo maior conglomerado financeiro do país; ao ouvir o número. Como muitos empresários, pesos-pesados da economia do país, Setubal teme que esta expansão possa virar um pesadelo.

Quase todos os empresários ouvidos pelo JORNAL DO BRASIL acham que a produção bateu no limite e recomendam, de maneira geral, índices mais moderados de crescimento para que não sobrevenha mais um período de apertos. “Acho que o governo tomará medidas para diminuir o ritmo de expansão do PIB”, profetiza Setubal.

Os riscos

Se a informação não os pegou desprevenidos, ela, entretanto, não deixou de provocar em cada um deles um certo grau de preocupação, certos que estão de que nenhuma economia pode crescer tanto por muito tempo.

Para o recém-empossado presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), Mário Amato, “14% é realmente uma taxa de expansão muito elevada, mas com a aceleração atual ninguém poderia menos em 1986”. O ideal, na sua opinião, é que a economia mantenha-se em crescimento constante mas a uma taxa entre 5% e 8%.

Amato argumenta que a infraestrutura de produção corre o risco de não suportar o aumento da carga e entrar em colapso, em particular os setores de energia elétrica, transporte e saneamento. “Sem falar das indústrias, que também não teriam condições de acompanhar indefinidamente esse ritmo alucinante de crescimento.”

José Ermírio de Moraes Filho, presidente do Grupo Votorantim — o maior conglomerado industrial do país — não concorda que a grande expansão verificada este ano possa influir negativamente no futuro da economia. Em primeiro lugar, observa, é preciso lembrar que a população do Brasil também cresce muito depressa, cerca de 2,5% ao ano; sendo indispensável um avanço do PIB.

Além disso, José Ermírio lembra que o país passou por “maus bocados” de 1981 a 1984, período de recessão acompanhada de uma inflação acima de 200% ao ano. Assim, alega, é absolutamente normal que, passada essa fase, nos primeiros anos, a economia volte a se expandir em ritmo mais acelerado.

O próprio Grupo Votorantim, segundo ele, terá em 1986 seu faturamento aumentado em 10%, o que significa algo próximo de 2 bilhões de dólares. O setor de cimento — um dos mais importantes do complexo — avançará mais ainda, 19%, mas mesmo assim só agora chega aos níveis de produção registrados em 1979.

A tranquilidade e o otimismo de José Ermírio de Moraes Filho contrastam com o alerta de André Beer, diretor da general Motors e presidente da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea). “Para mim, um crescimento de 14% em um ano não chega a ser preocupante, porém tenho a impressão que o próprio presidente sabe ser impossível manter o mesmo ritmo a partir de 1987”. Para Beer, o país deve procurar crescer entre 5% e 7%.

Na opinião de Paulo Francini, ex-diretor do Departamento de Economia da Fiesp e presidente da Córdex-Frigor — uma indústria do setor de refrigeração —, a taxa de crescimento é muito alta e “só pode ser absorvida por um país que acaba de sair da recessão”. “Nenhum país consegue crescer tanto durante muito tempo”, adverte.

Entende Francini que o parque industrial brasileiro não suportaria ter de acompanhar esse ritmo, pelo simples fato de que as empresas não seriam capazes de obter os recursos necessários para realizar os investimentos exigidos.

Assim também pensa o presidente da Associação Brasileira de Supermercados (Abbras), João Carlos Paes Mendonça, para quem o PIB deve crescer apenas na faixa de 6% a 8%. Essa taxa de 14% “é um perigo exagerado, capaz de gerar mais distorções, principalmente por elevar demais o consumo de todos os tipos de produto. O melhor é fazer o PIB avançar sempre, porém devagar, e manter a inflação sob controle”.

Eugênio Staub, presidente da Gradiente — maior indústria nacional de equipamentos de som —, não vê a menor possibilidade de as empresas conseguirem recursos para tão grande empreitada. Na sua opinião, o Brasil precisa crescer no máximo cerca de 7% ao ano. “uma taxa tão boa que, se mantida, é capaz de dobrar o PIB, a cada 10 anos e meio”.

28 SET 1986

JORNAL DO BRASIL